

INCIDENTE EM ANTARES E A TRAJETÓRIA DE FICÇÃO DE ERICO VERÍSSIMO

Regina Zilberman

Incidente em Antares, derradeiro romance escrito por Erico Verissimo, foi publicado em 1971. Nos anos seguintes, o novelista dedicou-se a *Solo de Clarineta*, obra de cunho autobiográfico que permaneceu inacabada. Com *Incidente*, Erico parecia dar continuidade à linha adotada por sua ficção desde o lançamento de *Senhor Embaixador*, em 1965, texto de explícito teor político em que discute a revolução na América Latina, provavelmente sob o impacto do movimento cubano liderado por Fidel Castro e das reações a favor e contra os Estados Unidos, que cresciam e recrudesciam no decorrer dos anos 1960 do século XX.

Acostumados pelo romancista a trilogias, como a de *O Tempo e o Vento* (1949-1962), *Incidente em Antares* foi entendido, desde seu aparecimento, em 1971, como a complementação necessária à seqüência iniciada por *Senhor Embaixador*, de 1965, e continuada em *O Prisioneiro*, de 1967, novela que responde à escalada norte-americana no Vietnam. Depois de abordar temáticas candentes do universo político internacional, a saber:

- ♦ a revolução na América Latina, tema que incendiava corações e mentes brasileiros, haja vista a atuação dos Centros de Cultura Popular (CPCs), entidade da União Nacional de Estudantes (UNE) e atuante nos primeiros anos da década de 1960, a dramaturgia do Teatro de Arena, de São Paulo, sob a liderança de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, e as músicas de protesto, expressas em shows como *Opinião e Liberdade Liberdade*;
- ♦ a invasão imperialista no Oriente, questão que igualmente se imiscuía na percepção cotidiana dos acontecimentos históricos e populares, de que são exemplos canções de sucesso como a italiana “Era um rapaz que, como eu, amava os Beatles e os Rollings Stones”, de 1966, interpretada por Giani Morandi ou Joan Baez; ou peças de teatro como *Hair*, de Gerome Ragni e James Rado, grande êxito da Broadway em 1967 e importada para o Brasil em 1969,

o romancista voltava para casa, sem, contudo, abdicar de sua preocupação com os temas da atualidade do País e do mundo.

O Brasil, em 1971, vivia um dos piores momentos de sua história política. Guindados ao poder por força do golpe de 31 de março de 1964, os militares ocupavam os postos principais do Estado, apostando no progresso econômico – o “milagre brasileiro” data dos primeiros anos da década de 1970 – como maneira de contentar as classes médias urbanas e controlar a insatisfação social. Quando esse malabarismo falhava, o sistema apelava para a repressão, intensificada a partir de 13 de dezembro de 1968, data em que o então Presidente General Artur da Costa e Silva proclamou o Ato Institucional nº 5, conferindo ao governo poder discricionário absoluto, ao assegurar-lhe o confisco de bens e a suspensão do *habeas corpus* em caso de crimes políticos, e ao considerar a “segurança nacional” a razão por excelência de sua ação pública.

Se, nos primeiros anos da gestão dos militares, havia ainda relativa margem para protesto, após a proclamação do AI-5, essas alternativas desapareceram. As posições se radicalizaram, procurando a esquerda reagir e organizar-se por meio da guerrilha ou do terrorismo. O seqüestro do embaixador americano Charles Elbrick, a que se seguiram outros atos de natureza similar, em 1969, conferiu visibilidade à ação dos grupos rebeldes, mas não bastou para derrubar o regime. Esse respondeu com a censura prévia, a tortura, a perseguição às dissidências de todo tipo; ao mesmo tempo, grupos de direita, como a TFP – Tradição, Família e Propriedade – dispuseram de rara oportunidade para manifestar-se, intimidando seus possíveis e silenciosos adversários e antagonistas.

Se Erico Verissimo voltava para casa, é porque os problemas locais mostravam-se tão complexos e desafiantes como os que denunciara nos romances lançados durante os anos 1960, após a publicação de *O Arquipélago*, com que encerrara o ciclo de *O Tempo e o Vento*, em 1962. Entretanto, *Incidente em Antares* não é apenas um retorno de Erico Verissimo ao Brasil e, sobretudo, ao Rio Grande do Sul de sua ficção inicial. Batizado pelo pendor político adotado em *Senhor Embaixador* e *O Prisioneiro*, o novelista parece que deseja atar dois fios,

- ♦ um mais longo, que o acompanha desde suas primeiras incursões no romance, dedicado sobretudo à análise da vida sul-rio-grandense no campo e na cidade;
- ♦ outro mais curto e recente, caracterizado pela imersão nos problemas político e ideológicos examinados e avaliados ao longo dos anos 60 do século XX.

Provavelmente Erico não imaginava que *Incidente em Antares* fosse sua última peça de ficção novelesca; afinal, quando morreu, trabalhava não apenas no livro de memórias, como também em *A hora do sétimo anjo*, que permaneceu inconcluso.

Mas o livro acaba por se constituir um lugar de chegada e de síntese, como se fosse ao mesmo tempo um resumo de sua trajetória literária e de suas aspirações, enfim, seu testamento.

Não que o romance olhe para trás ou adote práticas discursivas ultrapassadas. Pelo contrário, ao ser lançado, foi imediatamente percebido com a reação do novelista a uma vertente que, na passagem dos anos 1960 para os anos 1970, parecia marcar a ficção latino-americana: o realismo mágico, advogado pelo escritor cubano Alejo Carpentier e acolhido pelo colombiano Gabriel García Márques e os peruanos Mario Vargas Llosa e Manuel Scorza. Ao introduzir as cenas em que os defuntos não enterrados retornam ao centro de Antares, desmarcando as mentiras que marcavam as medíocres existências cotidianas dos habitantes da cidade, Erico Verissimo oferece sua visão do gênero de narrativa que parecia atrair a nova geração de artistas e intelectuais da América Latina, respondendo à sua maneira à tendência que predominava nas Letras contemporâneas.

A estrutura do romance parece espelhar o lugar que o livro ocupa no conjunto da obra ficcional de Erico Verissimo, como se ele dedicasse cada segmento a um dos fios mencionados antes. Assim, a primeira parte narra a origem da cidade de Antares, no começo do século XIX, caracterizando a povoação primitiva e seus primeiros condutores políticos, com ênfase no papel da família Vacariano, que representa a oligarquia rural dominante. Na metade daquele século, surge, de modo um tanto inexplicado, o primeiro representante dos Campolargos, cuja riqueza tem procedência duvidosa, fator, contudo, que não o impede de ocupar lugar relevante na sociedade e economia local. O relato que dá conta da chegada de Anacleto Campolargo reproduz sensivelmente o texto que narra a instalação de Aguinaldo Silva, pai de Luzia Silva e futuro sogro de Bolívar Cambará, em *O Continente*. O trecho, em *A Teiniaguá*, tem a seguinte redação:

Quando, pela primeira vez [Aguinaldo] aparecera em Santa Fé, no ano em que fora assinada a paz entre farroupilhas e legalistas, causara a pior das impressões. Chegara escoteiro, montado num cavalo magro e manco, e fazendo questão de mostrar a toda a gente que tinha as guaiacas atestadas de moedas de ouro. Começaram então a murmurar na vila que Aguinaldo havia descoberto uma salamanca lá para as bandas de São Borja.¹

Em *Incidente em Antares*, expõe o narrador:

No verão de 1860 chegou ao conhecimento de Chico Vacariano que um certo Anacleto Campolargo, criador de gado e homem de posses, natural de Uruguaiana, ia comprar terras nas proximidades de Antares. Murmurava-se que esses

1 VERISSIMO, Erico. *O Continente*. Porto Alegre: Globo, 1949. p. 317.

*Campolargos eram descendentes por linha reta dum tropeiro paulista que entrara um dia numa furna do cerro do Jarau – talvez na famosa Salamanca da antiga lenda – encontrando lá um fabuloso tesouro, pois de outro modo ninguém podia explicar como um modesto negociante de mulas andasse sempre com a sua guaiaca cheia de onças de ouro, rutilantes como sóis.*²

Após deixar claro o antagonismo entre Vacarianos e Campolargos, que se estende até a ascensão de Getúlio Vargas, nos anos 1930, o narrador dedica-se a detalhar, com grande cuidado, o período histórico marcado pela atuação daquele político, oriundo de São Borja, logo, da região vizinha da fronteira Antares.

Incidente em Antares acompanha *pari passu* os eventos que sacudiram o país entre 1945 e 1963, a saber:

- ♦ a deposição de Vargas, em 1945;
- ♦ a eleição de Eurico Gaspar Dutra e sua inaptidão para a chefia da nação, entre 1946 e 1950;
- ♦ o retorno de Getúlio à Presidência, em 1950;
- ♦ a reação conservadora à linha de ação adotada pelo chefe do governo, entre 1951 e 1954;
- ♦ a crise de 1954 e o suicídio de Vargas;
- ♦ a ascensão de Juscelino Kubitschek, em 1956 e a fundação de Brasília, em 1960;
- ♦ a eleição e renúncia de Jânio Quadros, entre 1960 e 1961;
- ♦ a Legalidade, liderada por Leonel Brizola, que garante a posse de João Goulart, em 1961;
- ♦ a adoção do parlamentarismo, em 1961 e o retorno ao presidencialismo, em 1963.

Sob esse aspecto, *Incidente em Antares* é quase didático. Contudo, os fatos não são apresentados pelo narrador, e sim enunciados e discutidos pelas personagens, cujos comentários pautam a avaliação dos acontecimentos. O escritor revela aí grande habilidade criativa, pois a personagem que acompanha os eventos, julga-os, deseja modificá-los ou tirar partido deles é o Coronel Tibério Vacariano, herdeiro do fundador da cidade, grande proprietário de terras ligado às elites do lugar e do País, representante das oligarquias reacionárias que a novela condena do princípio ao final.

Quem lê o romance, recupera a trajetória da vida brasileira nas décadas que antecederam a escrita do romance; mas não é levado a compactuar ou concordar com as opiniões emitidas pelas figuras que vivenciam os fatos, examinados e avaliados a par-

2 VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 22. ed. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 10. Vale lembrar ainda que os Campolargos são igualmente personagens num romance bem anterior de Erico Verissimo, *Um lugar ao sol*, publicado em 1936 e protagonizado por Vasco Bruno e Clarissa Albuquerque.

tir, sobretudo, das vantagens a extrair deles. O narrador, até então onisciente, cede o lugar ao diálogo, deixando as personagens exporem suas posições. Evita o maniqueísmo e a manipulação do leitor, tanto mais que o principal expoente e porta-voz das classes dominantes, o Coronel Vacariano, é senhor de personalidade dinâmica, variada, cujos gestos traduzem, de um lado, cacoetes machistas e autoritários, de outro, peculiares da cultura gaúcha, com a qual o público local pode se identificar. Se, por uma parte, Tibério mostra-se arrogante, violento, impulsivo e mandão, por outra, suas expressões lingüísticas e indomável luxúria colaboram para particularizar o desenho de sua figura romanesca, conferindo-lhe identidade e vivacidade, impedindo a tipificação simplificadora e garantindo sua presença na galeria das grandes personagens criadas por Erico Verissimo.

A primeira parte, “Antares”, portanto, alinha-se à ficção realista e histórica que o romancista praticou por algumas décadas e que culmina em *O Tempo e o Vento*. Erico está sendo fiel a si mesmo, ao redigir o longo episódio que toma 89 capítulos do romance e ocupa quase duzentas de suas quase quinhentas páginas.

A circunstância de praticamente 40% de o livro estar dedicado à retrospectiva histórica e sociológica foi encarada, quando do lançamento da obra, como sinal de falta de unidade estrutural do romance. Era como se a narrativa demorasse a começar, derramando-se o escritor na gênese dos acontecimentos que concentrarão a trama na segunda parte. Essa hipótese comprovar-se-ia ainda por outros fatores, como o fato de algumas personagens aparecerem e destacarem-se tão-somente na segunda parte, como Valentina e Cícero Branco, figura essa crucial para o andamento do segundo segmento. Contudo, Erico não seria ele mesmo, se não se dedicasse ao retrospecto cronológico e político que garante o enquadramento necessário não apenas à urdidura das ações fictícias, mas, e sobretudo, ao entendimento do projeto que embasa o texto.

A segunda parte, “Incidente”, é mais longa, mais conhecida e mais original. O tempo narrativo, até então dedicado à “longa duração”, pois cobre mais de 150 anos na primeira parte, concentra-se agora em menos de 48h. Restringindo-se aos fatos imediatamente anteriores ao incidente do dia 13 de dezembro de 1963, explica o foco principal: a greve geral programada pelos trabalhadores de Antares inclui o grupo de coveiros, que se recusa a abrir o cemitério e a sepultar os sete mortos falecidos na véspera, mesmo que entre eles se incluía D. Quitéria Campolargo, figura de proa na cidade. Outro morto eminente é o bacharel Cícero Branco; acompanham-nos o músico Menandro Olin-da, o sapateiro anarquista Barcelona, a prostituta Erotildes, o marginal Pudim de Cachaça e o perseguido político João Paz. Insepultos e abandonados em seus caixões, os cadáveres ficam

numa espécie de limbo, entre a morte e uma pós-vida, de onde retornam, para exigir o enterro a que fazem jus.

A partir do momento em que os insepultos levantam-se de seus féretros e marcham na direção do centro da cidade, a narrativa incorpora a poética do fantástico, tema de larga tradição na literatura ocidental: o da descida aos Infernos ou, reciprocamente, a ascensão de entidades do mundo subterrâneo à luz do dia e do sol. O tema remonta à épica helênica, desde então propagando-se na poesia e na prosa.

Assim, na *Odisséia*, de Homero, o protagonista, Ulisses, desce aos Infernos, antes de retornar a Ítaca, sua ilha natal, encontrando no Hades os antigos companheiros de luta nas praias de Tróia. Lá, revê a mãe e depara-se com o adivinho Tirésias, que lhe explica como pode recuperar o poder e a esposa Penélope, ao chegar a seu reino. Na comédia de Aristófanes, *As rãs*, datada do século V a. C., o deus da dramaturgia, Dionisos, desce ao mundo subterrâneo para achar um artista capaz de salvar a tragédia da decadência que se aproximava. Enéias repete, na *Eneida*, de Virgílio, o percurso de Ulisses; muitos séculos depois, Dante Alighieri transforma o autor do poema latino em seu guia, na abertura de sua *Comédia*, ajudando-o a descer às profundezas do Inferno. Historicamente situado entre o poeta mantuano e o florentino, Luciano de Samósata deu voz aos defuntos no *Diálogo dos mortos*. Machado de Assis não faz por menos, tornando Brás Cubas narrador de sua biografia, enunciada desde o além-túmulo. Erico não estava sendo original; mas também não corria atrás dos modismos, representados eventualmente por uma adesão de última hora ao realismo mágico em voga.

Com efeito, Erico parece mais afinado à trajetória histórica antes descrita que ao fantástico praticado por notáveis narradores latino-americanos, como Gabriel García Márques, Juan Rulfo e Alejo Carpentier, devedores sobretudo do Surrealismo vanguardista do início do século XX. A afinidade proposta deve-se primeiramente ao fato de que o romancista gaúcho não perde de vista a verossimilhança do relato; ao introduzir um dado fundamental para o andamento da trama que é de natureza inexplicada e sobrenatural, ele trata de, logo e sempre que possível, deixar claro que, efetivamente, o que acontece é incomum e foge da normalidade, mas não vai ser esclarecido ou contornado. É quando acompanha mais de perto o Machado de Assis de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao se mostrar consciente e convencido de que se pode “evit[ar] contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo.”³ Depois, porque o único dado de natureza extraordinária é a ação dos mortos que, por não terem

3 ASSIS, Machado de. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. p. VI. Procedemos à atualização ortográfica.

sido sepultados, exigem que se proceda a seu enterro regulamentar. Todos os demais acontecimentos são apresentados de modo realista e dão conta de situações históricas e concretas, nada extraordinárias.

É certo que as denúncias apresentadas pelos mortos são bastante impróprias, indesejadas por todos os envolvidos e indigitados. Cícero Branco confessa as falcatruas cometidas, com o apoio do Prefeito e do Coronel Tibério; Barcelona e a prostituta Erotildes (nome provocativamente motivado)⁴ delatam os adúlteros e as perversões sexuais de vários dos moradores de Antares; João Paz denuncia como foi torturado e morto pelo chefe de polícia; D. Quitéria descobre quão interesseiros são seus genros e filhas. Nenhuma das descobertas e das declarações prima pela ética e pela honestidade: a ilegalidade permeia os atos públicos, a irresponsabilidade, os atos privados e a cobiça, a maior parte das atividades dos membros da elite antarense. Nenhuma dessas ações, porém, pode ser qualificada de fantástica, sobrenatural ou maravilhosa; aliás, é a circunstância de serem *habituais e corriqueiras* o fator mais espantoso de toda trama.

Invertendo os sinais – o habitual e costumeiro mostra-se extraordinário por contrariar a lei e a ética –, Erico transforma seu relato numa fábula moral, que desvela todos os desvãos ocultos e inconfessáveis da alta sociedade de Antares. Por isso, os mortos se fazem imprescindíveis ao bom andamento da narrativa: somente criaturas tornadas alheias à sociedade de onde provêm têm condições, meios e suficiente distanciamento para descobrir com tanta virulência e sinceridade as aparências e mentiras convenientemente adotadas, de modo consensual, por uma comunidade. Declara-o, em alto e bom som, Cícero Branco, o porta-voz desse grupo, qualidade que o coloca em posição similar e contrária à do Coronel Tibério Vacariano:

*É incrível – prossegue Cícero Branco, enquanto Barcelona lhe puxa repetidamente pela manga do casaco, como se quisesse dizer-lhe algo – que só agora que estou morto e decomposto é que ousa dizer-vos estas coisas.*⁵

Para chegar a esse ponto, porém, era preciso que Cícero, vivo, se mostrasse o contrário do que aparenta quando assume seu papel de acusador, no coreto da praça da cidade. A transformação do rábula chicaneiro em verdugo da elite antarense depende da mudança de estado físico da personagem, possível porque o narrador decidiu incorporar a seu relato uma velha tática dos relatos do passado: fez o seu mundo subterrâneo subir à

4 Cf. a respeito dos nomes das personagens do romance, LUCAS, Fábio. Compromisso social em *Incidente em Antares*. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de Pauta Simples*. Erico Verissimo e a Crítica Literária. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

5 VERISSIMO, Erico, *Incidente em Antares*, p. 344.

superfície da narrativa para revelar aos vivos o inferno de sua existência.

Composto de duas partes, *Incidente em Antares* apresenta rigorosa unidade, sobretudo porque a história, marca do primeiro segmento, está presente com a mesma intensidade no segundo. Há diferenças, porém, no modo como o escritor quer pensar essa história, até porque, na primeira seqüência, Erico revisa seu passado de escritor. Com efeito, pode-se ler, na parte inicial de *Incidente em Antares*, o período não examinado em *O Tempo e o Vento*, narrativa que, percorrendo duzentos anos da trajetória do Rio Grande do Sul e do Brasil, encerra o arco cronológico, iniciado em 1745, no ano de 1945, após a derrocada da ditadura Vargas.

É desse ponto que *Incidente em Antares* prossegue. Como bom romancista, Erico dedica as primeiras quarenta páginas a traçar as origens de Antares, parodiando, à sua moda, as narrativas de fundação de que é fértil a literatura brasileira. A partir da p. 44, entra em cena o descendente de Chico Vacariano, o mais antigo estancieiro da região, o Coronel Tibério Vacariano, que não mais abandona o espaço narrativo. Embora essa figura não constitua o protagonista do romance, que, aliás, carece de uma personagem centralizadora dos eventos, Tibério está presente do início ao final do relato, garantindo não apenas a unidade do conjunto, mas o eixo em torno do qual aquele se movimenta.⁶

Tibério aparece na trama de *Incidente em Antares* no ponto e no ano em que Rodrigo Cambará deixa *O Tempo e o Vento*, ao final de *O Arquipélago*. Apresenta-se, pois, como seu herdeiro mais credenciado: tal como o neto de Bibiana Terra, Tibério descende dos fundadores da cidade, é rico proprietário de estâncias de gado, detém ações em indústrias locais, mostra-se mulhengo e domina a política local. Como Rodrigo, aproximou-se de Getúlio Vargas para usufruir as benesses propiciadas pelo período em que o ditador ocupou o poder, entre 1930 e 1945.

Ao Coronel faltam, porém, as virtudes de Cambará: nunca foi um idealista, seu autoritarismo é despótico, e a corrupção, congênita. Pouco lhe importam os valores, desde que lhe tragam riqueza e comando; não mostra afeto por ninguém; despreza os subalternos e controla tiranicamente familiares e agregados. Tibério Vacariano é, pois, a figura em que Rodrigo Cambará se teria transformado, se sobrevivesse ao final de sua era. Produ-

6 É importante destacar a ausência de um protagonista em *Incidente em Antares*. Vacariano ocupa mais espaço, sobretudo na primeira parte, mas não lidera a ação; Cícero Branco destaca-se na segunda parte, mas é ignorado na primeira. Esse fato, somado à variedade discursiva de que se compõe o romance, caracteriza a assumida polifonia do texto, na melhor tradição de M. Bakhtin. A propósito, v. LUCAS, Fábio. Compromisso social em *Incidente em Antares*. SILVA, Márcia Ivana de Lima e. *A gênese de Incidente em Antares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Memória das Letras, 6)

zido pelo mesmo escritor dez anos depois de concluído *O Arquipélago*, o retorno de Rodrigo Cambará na pele do Coronel Tibério Vacariano somente poderia revelar-se a partir de seus traços caricatos e reacionários, como se o criador parodiasse a criatura, ao convencer-se que o tempo dele tinha efetivamente terminado.⁷

Assim sendo, na seqüência inicial de *Incidente em Antares*, Erico Verissimo não apenas dá continuidade a *O Tempo e o Vento*, como entende por definitivamente terminada a história a ser narrada. Não há mais o que dizer da oligarquia que moldou a história do Rio Grande do Sul no século XIX, já que, no século XX, ela não soube acompanhar as transformações da sociedade. Converteu-se em caricatura, sintoma da impotência que sobrevive à força do dinheiro e da impostura, como se verifica na derradeira cena protagonizada por Tibério, doente e incapaz de manter relações sexuais com a amante.

Se, na primeira parte, Erico revisa o passado, na segunda, ele examina o presente, dando o testemunho mais corajoso de que se teve notícias na ficção brasileira do período. A audácia manifesta-se na segunda página do livro, quando o narrador redige:

*O incidente que se vai narrar, e de que Antares foi teatro na sexta-feira, 13 de dezembro de 1963, tornou essa localidade conhecida e de certo modo famosa da noite para o dia – fama um tanto ambígua e efêmera, é verdade – não só no Estado do Rio Grande do Sul como também no resto do Brasil e mesmo através de todo mundo civilizado.*⁸

Em 1963, o dia 13 de dezembro não caiu numa sexta-feira. Erico sabia disso, pois, nas anotações que precederam a redação do romance, ele prevê outras datas para o incidente.⁹ Foi, porém, em 1968 que, numa sexta-feira, 13, o governo promulgou o AI-5, já mencionado, dissolvendo o Congresso e restringindo de modo quase completo as liberdades civis. Como o romance quer narrar como uma comunidade abdica de sua liberdade, porque

- ♦ os grupos dominantes são corruptos e incapazes de promoverem a igualdade social;
- ♦ as elites intelectuais abrem mão da ética para obterem vantagens e pecúlios pessoais;
- ♦ as convenções sobrepujam os sentimentos;
- ♦ graças ao emprego da força e da autoridade, contêm-se opositores e reprimem-se dissidentes e insatisfeitos;

7 A filiação de *Incidente em Antares* à trilogia *O Tempo e o Vento* é indicada pelo próprio autor, ao introduzir a personagem Martim Francisco Terra, descendente do pai de Ana Terra, Maneco, e sobrinho de Maria Valéria, a quem conhece no Sobrado, conforme recorda numa das cenas do romance.

8 VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 2.

9 Cf. SILVA, Márcia Ivana de Lima e. *A gênese de Incidente em Antares*. p. 67; p. 120.

era absolutamente necessário que a ação recaísse naquele dia e naquele mês. Não que a comunidade de Antares não tivesse oportunidade de reverter essa situação, em consequência da presença dos mortos que denunciam a falsidade das aparências sociais. A comunidade, porém, recusa a hipótese catártica e opta pelo esquecimento, a *Operação Borracha* que apaga mesmo a expressão da liberdade. Eis o que Erico Verissimo, tão corajoso quanto os insepultos de seu livro, põe à frente do leitor para sua reflexão; este, por sua vez, ao contrário das personagens do livro, não pode devolver esses esqueletos para dentro do armário. Quando do aparecimento do livro, competiu-lhe definir um posicionamento, situação que não se alterou desde então. Em 1971 ou em 2005 de tantas denúncias, Antares, alegoria do Brasil e de seu povo, precisa decidir que caminho escolher, para não ter de amargar o obscurantismo que já a consumiu em outros momentos de sua história.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

LUCAS, Fábio. Compromisso social em *Incidente em Antares*. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Caderno de Pauta Simples*. Erico Verissimo e a Crítica Literária. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. *A gênese de Incidente em Antares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Memória das Letras, 6)

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 22. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

VERISSIMO, Erico. *O Continente*. Porto Alegre: Globo, 1949.